3 1761 07135931 9

Castro Osorio, Anna de
A Garrett no seu primeiro centenario

PQ
9261
A575Z57

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/garrettnoseuprim00cast

A GARRETT

NO

SEU PRIMEIRO CENTENARIO

4-2-1799=4-2-1899

Ao seu immenso talento e gloria immorredoira.

HOMENAGEM DE

ANNA DE CASTRO OSORIO

E

PAULINO DE OLIVEIRA

1899
IMPRENSA DE L'BANI
87 Rua d
LI

A GARRETT

NO

SEU PRIMEIRO CENTENARIO

Aos Senhores:=

D. Beatriz Teixeira

e Sr. Carlos de Lima

(Veiga)

offerecem, como prova da sua muita consideração e reconhecimento:

Coimbra 3/2/99.

Firma do Centro Tauleiro de Oliveira

1799
1899
FREI
LUIZ
DE
SOUZA
ALMEIDA GARRETT

A GARRETT

NO

SEU PRIMEIRO CENTENARIO

4-2-1799=4-2-1899

Ao seu immenso talento e gloria
immorredoira.

HOMENAGEM DE

ANNA DE CASTRO OSORIO

E

PAULINO DE OLIVEIRA

1899
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
87 Rua do Norte, 103
LISBOA

PR
9261
A575Z57

A Garrett

Fallar de Garrett é a mais difficil tarefa e ao mesmo tempo a mais grata e facil de quantas nos pódem sobrevir no caminho das lettras.

Difficil, porque tudo quanto d'elle se possa dizer não corresponde nunca ao que sentimos ao lêl-o, ao encanto com que folheâmos os seus livros e o encontrâmos sempre novo — gracioso aqui e alli, mas d'uma graça muito sua, muito litteraria, muito pouco para a gargalhada vulgar, uma graça filigranada em sorrisos que não consegue desenrugar a fronte do leitor ignorante; — grandiosamente tragico, d'uma grandeza marmorea e esculptural, que impressiona e commove todos, ignorantes e sabios, crianças e velhos, porque está na fórma real e palpavel das attitudes, do gesto, da simplicidade humana, mais ainda do que na phrase.

Pois ha quem leia e possa esquecer aquelle tremendo momento d'incerteza e susto de que nos livra o santo Paio Guterres livrando a pobre Anninhas do terrivel bispo do Porto?!

Pois ha ahi quem fique impassivel ante a figura d'esse mesmo bispo, orgulhoso e poderoso como verdadeiro senhor feudal, arrastando no pó do tardío arrependimento a altiva cabeça, que bem pouco antes se erguia com desafio ante a cólera justiceira do rei, só porque as lagrimas e soluços d'um generoso e môço coração o chamam á vida, chamando-o ao remorso?!

O quê, pois ha quem esqueça aquelle momento unico que faz do Alfageme um campeão da independencia e liberdade d'esta terra?!

E ha coração de gente que não estremeça ante a duvida, tão humana, de Magdalena de Vilhena, não querendo acreditar na desgraça que a precipita inesperadamente do alto da sua felicidade, tantos annos sonhada e gosada sempre com receio, supplicando ao esposo querido que a oiça, que duvíde, que ainda póde ser mentira... e é o outro que se enleva n'essa voz amada e pensa e sonha que é com elle?!...

Pois será possivel olvidar o velho frei Diniz, abrindo os braços e curvando a cabeça para receber a morte das mãos do proprio filho!?

E Camões seguindo até á sombria crypta o feretro desconhecido, que, ao abrir-se, pela derradeira vez, lhe mostra a face pallida da que em vida fôra a sua vida?!...

E tanta, tanta coisa que seria preciso citar, que nos está na alma e conservâmos na retina como grupo em marmore que o cinzel de Rodin tivesse vincado fortemente n'uma contracção ultima e definitiva.

Mas é facil e grato fallar d'elle porque, basta folhear a sua obra — e isso é dos mais delicados prazeres intelle-

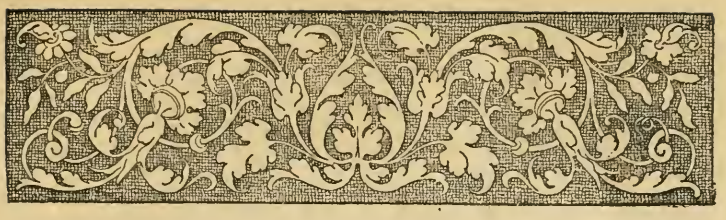
ctuaes que a nós proprios podêmos dar — e depois, tirando ao acaso, transcrever o que elle pensou e disse, que ninguem o fez com mais estranha sensibilidade e mais requintada arte.

O estylo com que nos falla é colorido e quente, como se nas suas múltiplas facetas batesse o bom sol d'esta terra, que elle amou tanto e tanto e por diversas fórmas serviu. A sua palavra decorre tão fresca e perfumada e deleitosa como aquelle seu *Valle de Santarem* — «*em que as plantas, o ar, a situação, tudo está n'uma harmonia suavissima e perfeita...*»

Sobre todos os assumptos podêmos procurar n'elle inspiração e conselho, á similhança dos livros mysticos, que, abertos ao acaso, dão sempre a resposta adequada á ânsia da alma que os procura...

Sendo assim, e querendo nós votar ao immortal Artista uma simples homenagem — que não é nada do que a nossa admiração e a nossa alma nos pediam — entendemos que a melhor maneira de a realisar era escolher pequenos fragmentos d'algumas das suas obras e publicá-las como feixe de rosas, que lhe offerecemos para a sua festa. O que ahi vae nosso são os singelos *bule-bules* e myosotis com que é d'uso acompanhar as flôres primaciaes.

Anna de Castro Osorio.



A vida da carne é tam curta para o homem de lettras ! . . . a da glória não lhe poem termo os homens.

GARRETT.

Grande entre os grandes, e bem cêdo
Vão-se apagando as linhas portentosas
Do teu radioso vulto... Até parece
— Tanto no olvido ingrato vem cahindo
Teu nome glorioso —
Que em era já remota floreceste.
No entanto, oh vate excélso, és quasi d'hôje,
Pouco dobar de tempo se há dobado
Desde que a fria cóva te acolheu,
E o teu estro sublime interessou-se
Com as questões que ainda agora agitam
E aquecem nossos peitos, nossos labios...
Os teus assumptos favoritos,
As mesmas bravas luctas, sonhos aureos,
Anseios fortes por melhores dias,
E sêdes de justiça não estancadas,
Todos esses ideaes que commoveram
E enthusiasmaram o teu verbo altivo
E a tua penna d'oiro... são agora,

Ainda agora os prélios sempre abertos,
Dos que pensam e soffrem pelejando.

Talvez por isso mesmo é que te votam
A um frio e injusto esquecimento;
Talvez que recordar a tua obra
Pareça qualquer cousa de fatídico,
Juntar quiçá de lenha justiceira...
N'este periodo sem côr, sem brios,
De amarga e desastrosa impenitencia,
Trazer de novo á luz
Tanta facundia e tanta graça gastas
A rir e a castigar, demolidoras,
Ridiculos e heroes apregoados,
É como se apontasse a um criminoso
As passadas da ronda vigilante
E a voz pausada d'um juiz austero.

A glória official, portanto, é lógica:
Ou finge que te olvida
Ou affecta risonha indifferença...
Evitando, porêm, comprometter-se
De todo... quiz prestar-te um nobre preito,
E foi render-to, alfim, em plena rua.
Como a tantos inuteis venturosos,
Não te ergueu é verdade triumphalmente
Na glória céos adentro d'uma estátua,
Mas, em compensação alta e famosa,
Foi pregar o teu nome n'uma esquina.

Justiça, exulta! Oh Arte, estaes vingada!...
A multidão que passa tumultuante
N'essa arteria de *chic*, de *bom-tom*,
Não perderá de todo, ao menos,
Teu nome na memoria... Nada importa

Que as escólas não leiam, não recitem
A tua prosa linda e os teus poemas...
Que os theatros se fechem aos fulgôres
Das tuas criações, e nem um só
Ostente na portada como titulo
Teu nome immorredoiro...
Que esse Conservatorio que criaste
Não te lembre e te impônha como deve...
E que não merecesse inda o teu corpo
A sagração suprema de *Pantheon*
—Esse mesmo *Pantheon* que reclamaste!...
Á glorióla das gentes dominantes
Bastam-lhe as letras gordas n'uma placa
De rua concorrida e barulhenta,
Nome immortal no transcorrer dos seculos!

Quantas vezes ergueste a tua voz
Clamando por justiça n'esta terra,
E os teus carmes carpiram lamentosos
A ingratidão da Patria por Camões!
Chegou a tua hora, Artista ingente,
Que fôste o pensamento nobre e lúcido,
A fórma modelar, a graça esvelta,
A sonorosa musa, um theatro inteiro,
Toda uma litt'ratura renovada
Plena de vida e de opulencias cheia!
Chegou a tua vez. Para maior
Sêres entre os maiores, para emfim
Sêres condignamente coroado,
Apenas te faltava «*o premio vil*»
Da injustiça cruel da indifferença!

Teu nome e teu renome todavia
Não háode ser, de todo, postergados.
O despreso dos *grandes* afervóra

O culto dos que te amam do recóndito
Da sua alma enternecida:
Elles te lembram, elles te festejam.

As suas homenagens, de amorosas
E de suavemente moduladas,
Como extases de crenças e desvelos,
Mais direis orações, píos louvôres,
Que enthusiasmos de quem acclama e brada
Em festivaes alegres de triumphos.
Embora! Muito embora
Sem fátuos espaventos, sem ruidos
De procissões, sem multidões ignaras
Que unicamente buscam vãos folguedos,
—Melhor! Melhor!...—elles te adoram,
Genio superno, elles te põem alto,
Mais alto do que as torres e as montanhas
Perto do céo, toucadas d'astros!

Paulino de Oliveira.

Da obra de Garrett

Da obra de Garrett

TELMO

Menina!...

MARIA

«Menina e môça me levaram de casa de meu pae:» é o princípio d'aquelle livro tam bonito que minha mãe diz que não intende: intendo-o eu.—Mas aqui não ha menina nem môça; e vós, senhor Telmo-Paes, meu fiel escudeiro, «faredes o que mandado vos é.»—E não me repliques, que então altercâmos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Ha oito dias que aqui estamos n'esta casa, e é a primeira noite que dorme com socêgo. Aquelle palacio a arder, aquelle povo a gritar, o rebate dos sinos, aquella scena toda... oh! tam grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectaculo como nunca vi outro de egual majestade!... á minha pobre mãe atterrou-a, não se lhe tira dos olhos: vai a fechá-los para dormir, e diz que vê aquellas chammas innoveladas em fummo a rodear-lhe a casa, a crescer

para o ar, e a devorar tudo com furia infernal... O retratto de meu pae, aquelle do quarto de lavor tam seu favorito, em que elle estava tam gentil homem, vestido de cavalleiro de Malta com a sua cruz branca no peito – aquelle retratto não se póde consolar de que lh'o não salvassem, que se queimasse alli. Vês tu? ella que não cria em agouros, que sempre me estava a reprehender pelas minhas scismas, agora não lhe sai da cabeça que a perda do retratto é prognostico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa, que a tem de separar de meu pae.—E eu agora é que faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinnas... para a animar, coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé n'elles. Creio, oh se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar.– E ha... oh! ha grande desgraça a cahir sôbre meu pae... decerto! e sôbre minha mãe tambem, que é o mesmo.

TELMO, *disfarçando o terror de que está tomado*

Não digaes isso... Deus hade fazê-lo por melhor, que lh'o merecem ambos. *(Cobrando animo e exaltando-se)* Vosso pae, D. Maria, é um portuguez ás direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquella acção,— que o vi, com aquella alma de portuguez velho, deitar a mão ás tochas, e lançar elle mesmo o fogo á sua propria casa; queimar e destruir n'uma hora tanto do seu haver, tanta coisa de seu gôsto, para dar um exemplo de liberdade, uma licção tremenda a estes nossos tyrannos... oh minha querida filha, aquillo é um homem. A minha vida que elle queira é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que elle valia.

. . . . . .

MARIA

...— Oh! mas é verdade... vinde cá: *(Leva-o deante*

dos tres retrattos que estão no fundo; e apontando para o de D. João) de quem é este retratto aqui, Telmo?

TELMO, *olha, e vira a cara derepente*

Esse é... hade ser... é um da familia, d'estes senhores da casa de Vimioso que aqui estão tantos.

MARIA, *ameaçando-o com o dedo*

Tu não dizes a verdade, Telmo.

TELMO, *quasi offendido*

Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

MARIA

Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo-Paes; que é quasi o mesmo.

TELMO

O mesmo!... Disse-vos o que sei, e o que é verdade: é um cavalleiro da familia de meu outro amo que Deus... que Deus tenha em bom logar.

MARIA

E não tem nome o cavalleiro?

TELMO, *imbaraçado*

Hade ter: mas eu é que...

MARIA, *como quem lhe vai tapar a bôcca*

Agora é que tu ias mentir de todo: cala-te. — Não sei para que são estes mysterios: cuidam que eu heide ser sempre criança! — Na noite que viemos para ésta casa, no meio de toda aquella desordem, eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sós e viemos ter a ésta sala. Estava alli um brandão acceso, incostado a uma d'essas cadeiras que tinham posto no meio da casa; dava todo o clarão da luz n'aquelle retratto... Minha mãe, que me trazia

pela mão, põe derepente os olhos n'elle, e dá um grito, oh meu Deus!... ficou tam perdida de susto, ou não sei de quê, que me ia cahindo em cima. Pergunto-lhe o que é; não me respondeu: arrebata da tocha, e leva-me com uma fôrça... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma coisa má atraz de nós.— Ficou n'aquelle estado em que a temos visto ha oito dias, e não lhe quiz fallar mais em tal. Mas este retratto que ella não nomeia nunca de quem é, e só diz assim ás vezes: «O outro, o outro...» este retratto, e o de meu pae que se queimou, são duas imagens que lhe não sahem do pensamento.

TELMO, *com anciedade*

E ésta noite ainda lidou muito n'isso?

MARIA

Não: desde hontem pela tarde, que cá esteve o tio Frei Jorge e a animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os governadores, minha mãe ficou outra; passou-lhe de todo, ao menos até agora.— Mas então, vamos, tu não me dizes do retratto? Olha: *(Designando o d'el-rei D. Sebastião)* aquelle do meio, bem sabes se o conhecerei: é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! que testa aquella tam austera, mesmo d'um rei môço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou ao serio o cargo de reinar, e jurou que hade ingrandecer e cobrir de glória o seu reino! Ello alli está... E pensar que havia de morrer ás mãos de mouros, no meio de um deserto, que n'uma hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquella bôcca!... Não póde ser, não póde ser. Deus não podia consentir em tal.

TELMO

Que Deus te ouvisse, anjo do céu!

MARIA

Pois não ha prophecias que o dizem? Ha, e eu creio n'ellas. E tambem creio n'aquell'outro que alli está; *(Indica o retratto de Camões)* aquelle teu amigo com quem tu andaste lá pela India, n'essa terra de prodigios e bizarrias, por onde elle ia... como é? ah, sim...

N'ũa mão sempre a espada e n'outra a penna...

TELMO

Oh! o meu Luiz, coitado! bem lh'o pagaram. Era um rapaz, mais môço do que eu, muito mais.. e quando o vi a ultima vez... foi no alpendre de San'Domingos em Lisboa — parece-me que o estou a ver — tam mal trajado, tam incolhido..., elle que era tam desimbaraçado e galan... e então velho! velho alquebrado, — com aquelle ôlho que valia por dois, mas tam summido e incovado já, que eu disse commigo: «Ruim terra te comerá cedo, corpo da maior alma que deitou Portugal!» — E dei-lhe um abraço... foi o último... Elle pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus, Telmo! San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação... que já vejo terra, amigo» — e apontou para uma cova que alli se estava a abrir. — Os frades rezavam o officio dos mortos na egreja... Elle entrou para lá, e eu fui-me embora. D'ahi a um mez, vieram-me aqui dizer: «Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'-Anna.» E ninguem mais fallou n'elle.

MARIA

Ninguem mais!... Pois não lem aquelle livro que é para dar memória aos mais esquecidos?

TELMO

O livro, sim: acceitaram-n'o como o tributo de um escravo. Estes riccos, estes grandes, que opprimem e despre-

zam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma coisa que lhes fizesse um servo seu e para honra d'elles. O servo, acabada a obra, deixaram-n'o morrer ao desamparo sem lhe importar com isso... Quem sabe se folgaram? podia pedir-lhes uma esmolla — escusavam de se incommodar a dizer que não.

MARIA, *com enthusiasmo*

Está no céu. — Que o céu fez-se para os bons e para os infelizes, para os que já cá da terra o adivinharam! — Este lia nos mysterios de Deus; as suas palavras são de propheta. Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião?... como havia de elle então morrer? Não morreu. *(Mudando de tom)* Mas o outro, o outro... quem é este outro, Telmo? Aquelle aspecto tam triste, aquella expressão de melancholia tam profunda... aquellas barbas tam negras e cerradas... e aquella mão que descança na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor n'esta vida...

TELMO, *deixando-se surprehender*

Pois tinha, oh se tinha...

(FREI LUIZ DE SOUSA, II acto, scena I).

Oh grutta de Macáo, soidão querida,
Onde tam doces horas de tristeza,
De saudade passei! grutta benigna
Que escutaste meus languidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas;
Oh fresquidão amena, oh grato asylo,
Onde me ía acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a patria me inspiráram
Os maviosos sons e os sons terriveis
Que hão de affrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras

Os segredos d'amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, alêm d'ella e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço
Ou modulou meu verso eternos carmes.
Patria, patria, rival tu foste d'*Ella!*
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ella* e por ti soffreu constante,
Quem por ti só agora o fio extremo
Tenue conserva da existencia afflicta...
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

(CAMÕES, canto V).

..... um rochedo em que me eu sente ao pôr do sol na gandra erma e selvagem, vestida apenas de pastio bravo, baixo, e tosqueado rente da bôcca do gado — diz-me coisas da terra e do ceo que nenhum outro espectaculo me diz na natureza. Ha um vago, um indeciso, um vaporoso n'aquelle quadro que não tem nenhum outro.

Não é o sublime da montanha, nem o augusto do bosque, nem o ameno do valle. Não ha ahi nada que se determine bem, que se possa definir positivamente. Ha a solidão que é uma idea negativa...

Eu amo a charneca.

.....

Mas foi como se os fizesse, os versos, como se os estivesse fazendo, porque me deixei cahir n'um verdadeiro estado poetico de distracção, de mudez — cessou-me a vida toda de *relação*, e não sentia existir senão por dentro.

.....

Então cahi completamente em mim, e recordei-me, com

amargura e desconsolação, dos tremendos sacrificios a que foi condemnada ésta geração, Deus sabe para quê — Deus sabe se para expiar as faltas de nossos passados, se para comprar a felicidade de nossos vindouros...

(VIAGENS NA MINHA TERRA).

Os cinco sentidos

São bellas — bem o sei, essas estrellas,
Mil côres — divinaes têem essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim, será a voz que affina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a mellodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre as flores gyra,
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto: minha alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pomos saborosos,
É um mimo — de nectar o racimo:
E eu tenho fome e sêde... sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de bejos,
E só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito.
Mas quem aopé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar n'outras delicias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram,
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

(FOLHAS CAHIDAS).

PERO ÇAFIO

Passareis, passareis, senhor das saudades; passareis como quizerdes, mas não sem vos eu conhecer. Que por éstas madrugadas, por aqui, e tam recatado. . só um homem que eu conheço — um louco d'atrevidos pensamentos e desmesurada confiança... só elle e ninguem mais. — Ide, ide, que este último capitulo da *Menina e moça* não está para durar muito e Deus queira que não acabe mal!

BERNARDIM RIBEIRO, *desimbuçando-se e imbainhando a espada*

Amigo, pois que me conheceste, — que me não posso incobrir de ti — amigo, tem compaixão, não me percas. Confio da tua lealdade que m'a guardarás a mim desgraçado e desvalido, a mim o mais infeliz... *(dá com os olhos n'um annel que traz no dedo, beija-o repetidas vezes e prosegue em tom differente)* Antes o mais afortunado homem que hoje vê nascer aquelle sol radioso, destoucarem-se de

nevoeiros aquellas serras, viçarem esses arvoredos tam bellos — tam bellos e tão verdes como as minhas esperanças!... — Pero, meu amigo, eu sempre em ti descobri, com toda essa tua galhofa e zombaria, uma alma elevada, um pensamento grande, capaz de comprehender as coisas altas.— Conhecem-te por cantares nos autos de Gil Vicente e em similhantes momos, não sabem de ti mais que os tregeitos e ledices com que tanto ri essa côrte sem alma, essas damas sem espirito, esses fidalgos sem coração. Mas o teu é para muito, Pero: tu és capaz de me intender. Para mais é a poesia da tua alma que para a de teu mestre Gil Vicente... que o tenho em muito e muito vale; mas pêza-me que se avalie elle em tam pouco.—Pero, tu sabes que ninguem é por mim, que me não posso fiar de ninguem; que só, isolado no mundo... vivo com minha saudade, e para ella e por ella... Pero, eu preciso de um amigo: queres sê-lo tu?

PERO

Precisas de um amigo, de um amigo que te intenda, com uma alma grande, capaz... não sei de quê — de subir, de trepar até á tua, aos teus pensamentos, á alteza de tuas sublimes inspirações — e não sei que mais coisas de versos e de trovadores, que ahi imbrulhaste em prosa, mas que soam como cascaveis de coplas! — Assim costumais sempre. — Ora traduzâmos isto em romance, *id est*, em lingua vulgar, e vem a dizer: — Bernardim-Ribeiro, homem de prol e cavalleiro de ousadas imprezas, metteu-se em camisa de onze varas por certos amores que lh'o diabo metteu na cabeça; andou a sonhar — ou a trovar que é o mesmo — por essas serras de Cintra, fallou com as mouras incantadas do castello, incommendou se á Senhora da Pena, esconjurou a lua em verso, as estrellas em prosa... Ninguem lhe acudiu. E vendo-se extraordinariamente intallado, em vez de tomar a unica resolução prudente e de siso que em tal caso podia tomar...

BERNARDIM

Qual era?

PERO

Ir de passeio por Collares fóra, esperar maré propícia,— e atirar comsigo da *Pedra d'alvidrar* abaixo — unico termo verdadeiro de seus phantasticos e desvairados amores.

BERNARDIM, *com impaciencia*

Ah!

PERO

Sim, senhor. O deus do amor, e todas aquellas nymphas e deusas que nos mostra ca, em seus autos e comedias famosas, o amigo Gil-Vicente, viriam reconhecê-lo; e passaria vida alegre e ditosa em terra... terra não, que a coisa era no mar — mas entre gente da sua egualha, coisas do outro mundo; que trovadores e poetas não são naturaes d'este nem andam correntes por ca.

BERNARDIM

E bem certo o dizes, amigo. Um mundo de vaidades e fingimentos, um mundo arido e falso, em que a fortuna cega, os sordidos interêsses, as imaginarias distincções corrompem, quebram o coração; — cujas leis iniquas fazem violencia á liberdade natural das almas; — em que a amizade é um tráfico — e o proprio amor, o mais nobre, o mais sublime affecto humano, é mercadoria que se vende e troca pelas vis e mesquinhas conveniencias da terra... Oh!...

(UM AUTO DE GIL VICENTE.— acto I, scena III).

Camões naufrago

Cedendo á furia de Neptuno irado
Sossobra a nau que o gran' thesoiro incerra;
Lucta co'a morte na espumosa serra
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do canto mimoso a Lysia dado!...
Camões, grande Camões, embalde a terra
Teu braço forte, nadador afferra
Se o canto lá ficou no mar salgado.

Chorae, Lusos, chorae! Tu morre, ó Gama,
Foi-se a tua glória... Não; lá vai rompendo
Co'a dextra o mar, na sestra a lusa fama.

Eterno, eterno ficará vivendo:
E a torpe inveja, que inda agora brama,
No abysmo cahirá do Averno horrendo.

Angra — 1815.

O prelado cavalleiro, á frente de seu batalhão *d'élite*, parecia reviver de sua vida antiga, saudar alegre os perigos da peleja, a turbulenta ebriedade dos combates em que fôra criado.

Mas só nos olhos, só no palpitar violento dos seios estava toda a excitação. Mudos, quedos, fixos, elle e todos os seus, a vista cravada nas portas que chammejavam e tremiam, provavam que a sua coragem era reflectida e segura, aguardando assim tranquillos o momento decisivo e supremo.

Não tardou elle muito. Uma das portas cahiu em mil pedaços ardentes, centelhando em faíscas... e os sitiantes de levantar um tremendo clamor de: «Victoria, victoria!» que espantou e atroou toda a cidade.

No mesmo instante, por entre a chuva de brazido que ainda cahia, porcima dos montes de carvão escaldando que rechiavam na humidade do chão, rompeu sem mais ordem, cega, louca e amouca de seu furor e enthusiasmo, uma immensa massa de povo, que, ao som dos vivas e dos morras, entrou pelo atrio densa, confusa, apertàda e impuchada das muito maiores massas que atraz e atraz vinham sem solução de continuidade... E vinham e vinham, e de seu proprio pêso se precipitavam, abatendo e prostrando quanto se lhes punha de deante.

(ARCO DE SANT'ANNA, II VOL.).

Preito

É lei do tempo, Senhora,
Que ninguem domine agora
E todos queiram reinar.
Quanto vale n'esta hora
Um vassallo bem sujeito,
Leal de homenage e preito
E facil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:
E aqui juro e firmo agora
Que a um despotico reinar
Me rendo todo n'esta hora,
Que a liberdade sujeito...
Não a reis! — outro é meu preito:
Anjos me hãode governar.

(FOLHAS CAHIDAS).

NUN'ALVARES, *tornando a si, e sentando-se*

Alda! — Foi a espada de meu pae: a justiça era por ella. *(Levantando-se em pé.)* Não estou ferido: o podêr d'aquella espada me derribou e me fez cahir em mim. Sois um homem honrado, Alfageme. — Alda, perdôa-me, perdôa a teu irmão... que não é já... que hade vir a não sêr... mais que teu irmão. — A minha espada, Fernão Vaz.

ALFAGEME

Ei-la aqui, senhor cavalleiro.

NUN'ALVARES, *beijando-a muitas vezes*

Espada de meu pae, que tam bem começas a servir-me! Tu serás na minha mão...

ALFAGEME, *com enthusiasmo*

Um raio de glória!

ALDA, *do mesmo modo*

Um symbolo de honra!

ALFAGEME

A defensão de Portugal!

FROILÃO

A victoria de Christo!

ALFAGEME, *com estase*

Sereis o primeiro homem de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira! Não vos pêze, não vos pejeis de ser vencido do pobre Alfageme. Foi essa espada, que tem o condão de dar sempre a victoria a quem a impunhar pela virtude. Essa espada é de incanto. Nunca vi lâmina assim. Boas fadas a fadaram; ou antes, no rio Jordão por mãos de anjos foi temperada. Tenho feito, tenho corrigido muita espada, nunca vi faiscar scentelhas como de fogo do céu,

quaes essa deita. Essa espada vos fará grande, vos dará titulos, honras, vos fará... conde, condestavel do reino... e digno de tudo isso!

(ALFAGEME DE SANTAREM, acto III, scena XII).

Joanninha não era bella, talvez nem galante siquer no sentido popular e expressivo que a palavra tem em portuguez, mas era o typo da gentileza, o ideal da espiritualidade.

.....

Poucas mulheres são muito mais baixas, e ella parecia alta: tam delicada, tam *elancée* era a fórma airosa do seu corpo.

E não era o garbo teso e aprumado da perpendicular *miss* ingleza que parece fundida de uma só peça; não, mas flexivel e ondulante como a hástea joven da árvore que é direita mas dobradiça, forte da vida de toda a seiva com que nasceu, e tenra que a estalla qualquer vento forte.

Era branca, mas não d'esse branco importuno das loiras, nem do branco terso, duro, marmoreo das ruivas — sim d'aquella modesta alvura da cera que se illumina de um pallido reflexo de rosa de Bengalla.

E d'outras rosas, d'estas rosas-rosas que denunciam toda a franqueza de um sangue que passa livre pelo coração e corre á sua vontade por arterias em que os nervos não dominam, d'essas não as havia n'aquelle rosto: rosto sereno como é sereno o mar em dia de calma, porque dorme o vento... Alli dormiam as paixões.

Que se levante a mais ligeira brisa, basta o seu macio bafêjo para increspar a superficie espelhada do mar.

Sussurre o mais ingenuo e suave movimento d'alma no

primeiro acordar das paixões, e verão como se sobresaltam os musculos agora tam quietos d'aquella face tranquilla.

O nariz ligeiramente aquilino: a bôcca pequena e delgada não cortejava nem desdenhava o sorriso, mas a sua expressão natural e habitual era uma gravidade singela que não tinha a menor aspereza nem doutorice.

Ha umas certas boquinhas gravesinhas e espremidinhas pela doutorice que são a mais abborrecidinha coisa e a mais pequinha que Deus permitte fazer ás suas creaturas femeas.

. . . . . .

Que votos, que novenas se não fazem a San'Barometro nas vesperas de um baile para lhe pedir uma atmosphera sêcca e benigna que deixe conservar, até á quarta contradança ao menos, a preciosa obra de carrapito e ferro quente, de macassar e mandolina que tanto trabalho e tanto tempo, tantos sustos e cuidados custou!

. . . . . .

Em geral, as mulheres parecem ter no cabello a mesma fé que tinha Sansão: o que n'elle se ia em lh'os cortando, cuidam ellas que se lhes vai em lh'os desannellando? Talvez: e eu não estou longe de o crêr: canudo inflexivel, mulher inflexivel.

(VIAGENS NA MINHA TERRA).

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,
Que ás longas noites de comprido hynverno
Nossos avós felizes intertinheis
Aopé do amigo lar, ao crebro estallo
Da saltante castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo, que volvendo
Pinga e rechia sôbre a braza viva!...
Pimponices de andantes cavalleiros
Capazes de brigar c'o mundo em pêso,

Malandrinices de Merlin barbudo,
Travessuras de lepidos duendes,
E vós, formosas moiras incantadas,
Na noite de san'João aopé da fonte
Aureas tranças com pentes d'oiro fino
Descuidadas penteando — emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca...
Oh! magas illusões, porque não posso
Crer-vos eu co' a fé viva d'outra edade,
Em que de bôcca aberta e sem respiro,
Sem pestenejo um só, de olhos e orelhas
No *Castello* escutava a boa Brigida
Suas longas historias recontando
D'almas brancas trepadas por figueiras,
D'expertas bruxas de unto besuntadas
Já pelas cheminés fazendo vispere,
Já indo, ás duzias, em casquinha d'ovo
A' India de passeio n'uma noite. .
E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora
Incantos quebram, e o podêr lh'acaba.

(D. BRANCA, canto III).

Conde Nillo

Conde Nillo, conde Nillo
Seu cavallo vai banhar;
Em quanto o cavallo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
Elrei não o póde avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se hade rir, se hade chorar.
—«Calla, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no ceo,
Ou a sereia no mar».

—«Não são os anjos no ceo,
Nem a sereia no mar:
E' o conde Nillo, meu pae,
Que commigo quer casar.»
—«Quem falla no conde Nillo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassallo rebelde
Que eu mandei desterrar?»
—«Senhor, a culpa é só minha,
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem elle...
Fui eu que o mandei chamar.»
—«Calla-te, filha traidora,
Não te queiras deshonrar.
Antes que o dia amanheça
Ve-lo-has ir a degollar.»
—«Algoz que o mattar a elle,
A mim me tem de mattar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têem de interrar.»

Por quem dobra aquella campa,
Por quem está a dobrar?
—«Morto é o conde Nillo,
A infanta já a expirar,
Abertas estão as covas,
Agora os vão interrar:
Elle no adro da egreja,
A infanta aopé do altar».
De um nascêra um cypreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar.
Elrei apenas tal soube,
Logo os mandára cortar.
Um deitava sangue vivo,
O outro sangue real;
De um nascêra uma pomba,
De outro um pombo torquaz.
Senta-se elrei a comer,
Na mesa lhe iam poisar:
—«Mal haja tanto querer,

E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.»

(ROMANCEIRO, III volume).

Ao acaso

A litteratura é filha da terra, como os Titans da fabula, e á sua terra se deve deitar para ganhar fôrças novas quando se sente exhausta.

... tudo nos tem sempre assim ido em Portugal, cujo fado é começar as grandes cousas do mundo, vê-las acabar por outros — acordarmos depois á luz — distante já — do facho que accendêramos, olhar á roda de nós, — e não vêr senão trevas!

A calúmnia é como as trevas, quanto mais grossas são, *menos se vê*.

... as pretensões clericaes, por lá e por cá, por toda a parte vão levantando uma cabeça que ninguem diria senão que ésta gente vem dos antipodas — ou que são os «sette dormentes da Grecia» que acordaram agora e não sabem o que por cá foi, n'este último seculo sôbre tudo.

A virtude e o merito de uma mulher são a coisa mais difficil de offuscar quando são verdadeiros.

... tu sabes o que é sentar-se um foragido nas ribeiras de terra extranha, a olhar para aquelles campos que não são seus, a vêr aquelles rostos que não conhece, a ouvir aquellas fallas que não intende e sentir-se... sentir-se cahir o coração de desapêgo e desconforto?

... Nos assumptos nacionaes porém, ao menos para nós, ha um terreno além do qual a scena não supporta o verso. D. Sebastião é talvez o último character historico a quem ainda podessemos ouvir recitar hendecassylabos: d'ahi para cá duvido.

Antes do centenario

Na imprensa

GARRETT

4-2-1799 = 4-2-1899

Telmo.

— «Oh, oh! Livro para damas e cavalleiros e para todos, um livro que serve para todos, como não ha outro...»

FREI LUIZ DE SOUSA.

Isto disse elle, pela bocca do seu humilde, fiel e bondoso Telmo Paes, do grande livro nacional: os *Luziadas*.

E quem o disse já porventura, com a mesma justiça, da sua obra?

D'essa obra que, parecendo por vezes até fragil e superficial, á força de singeleza e delicada arte, é ao mesmo tempo tão extraordinariamente vigorosa e vasta; d'essa obra, a mais variada e a mais completa de todas quantas se hão levantado na nossa lingua, em todos os ramos sempre alta, em todos os generos superior sempre; d'essa obra que evocou o passado e o fez reviver a nossos olhos, como previu tanta vez o futuro com uma presciencia genial!...

Nas memorias de Garrett, dizia ha dezesete annos o seu amigo mais fervoroso, o seu admirador mais incondicional: Francisco Gomes d'Amorim — que um quarto de seculo decorrido sobre a sua morte seria o bastante para fazer calar os resentimentos e as invejas, e levantar a plena luz a gloriosa figura do immortal poeta.

Mas não foi!

Então, eram alguns amigos que sustentavam o fogo sagrado; hoje, serão, quando muito, uma duzia d'intellectuaes, que o amam e veneram e a cada passo o recordam, mas timidamente, como vozes isoladas de quem se sente mal entre as multidões barulhentas e banaes.

É certo que esses poucos que o conhecem e amam o collocam

tão alto, o veneram e querem com taes extremos de carinho, que chega a ser adoração.

Mas é preciso mais!

Se bem que a litteratura de Garrett, por muito intellectual que é, pela graça e maneiras, quasi sempre fidalgamente artisticas, não tenha podido popularisar-se, é preciso que Portugal inteiro o conheça; que os nossos filhos se acostumem a lê-lo desde pequeninos e que decorem aquelles seus *romances* d'uma toada fluente e tão portugueza, como murmurio de ribeira limpida que vae a caminho do mar . .

Que os nossos actores o comprehendam e interpretem; que as nossas plateas se descubram religiosamente deante da immortal obra d'arte — grande e genial em todo o mundo — o seu *Frei Luiz de Sousa*; que todos saibam rir com as suas comedias, ora d'uma graciosidade fina e aristocratica, ora cascalhadamente satyricas, castigadoras de defeitos e ridiculos.

Que todos aprendam a conhecer os typos evocados ou creados ao sopro do Mestre inegualavel, e que serão, já agora, typos immorredoiros, como elle proprio, como toda a sua obra.

Estamos em fins de dezembro de 1898; falta um mez — apenas um mez! — para o centenario do seu nascimento. É preciso clamar justiça, romper a muralha de gelo que encobre o seu vulto gigantesco a este miseravel povo, d'olhos fitos na terra, para onde vae tombando!...

É preciso... Mas quem o faz?

Lá de tempos a tempos uma pequena noticia nos jornaes, escondida e como que envergonhada, vem dizer-nos que alguem ha que não esquece o Mestre.

Mas essas, como a nossa, são vozes isoladas, que pouco ou nada conseguem.

Onde uma commissão organisadora da sua festa — que faça publicar os seus livros em successivas e baratas edições; que obrigue os jornaes a interessarem-se por este assumpto de bem maior utilidade do que muitos que os entreteem; que lhe levante uma estatua; que espalhe os seus retratos e o seu busto; que o leve para um tumulo digno da sua obra e do seu immenso talento?!...

Esse tumulo, está na consciencia de todos, só póde ser os Jeronymos.

Quando foi da glorificação de João de Deus, disse um jornal de rapazes — pouco mais ou menos estas palavras, que me ficaram de memoria por me parecerêm então um despertar de energia n'este paiz de covardes resignações: «Herculano e João de Deus estão no pantheon nacional, mas falta Garrett, a quem se fará justiça brevemente; depois Anthero e Camillo. Hão-de para lá ir todos, ainda que sejam levados aos hombros dos novos».

Mas essas palavras não representaram mais do que um enthusiasmo de occasião. Perderam-se na confusão de momento, e a mocidade, como o povo, como Portugal inteiro, vae á tôa, d'olhos fechados, para onde a chama o clamor de mais apregoadas glorias.

Queremos Garrett nos Jeronymos. Se Herculano o mereceu, elle tem o mesmo direito.

Por se fazer justiça a um, ha de esquecer-se o outro? Por a cons-

ciencia portugueza ter um dia sido escutada, segue-se que nunca mais o possa vir ser ?

Pois melhor do que o sombrio historiador estava entre os brancos e leves marmores dos Jeronymos o tumulo do maior artista que tem nascido em terras portuguezas. O seu estylo de correcção e elegancia sem egual não desdizia da sumptuosa e ao mesmo tempo leve e brincada architectura do templo.

E' n'esse monumento, que representa a nossa grandeza passada, que concretisa, por assim dizer, o genio portuguez e a sublime aventura que nos conservará na historia, que elle tem o seu logar de direito.

Não em capella suja, forrada de pannos e corôas artificiaes e debotadas, cheirando a morte e a tristeza ; mas em capella especial, muito clara, alta, vasta, e trabalhada, ao mesmo tempo simples e requintadamente artistica como a sua obra, que respira a vida, a graça, a elegancia da nobre e humana arte grega.

O seu nome como o seu talento requerem muito !

Mas, a não se lhe fazer o que elle merece, deixá-lo estar onde está, em tumulo de emprestimo, modesto e resignado.

Se a sua apothéose não for condignamente feita, deixem.

Elle—como Victor Hugo, hoje quasi esquecido, *pode esperar*, na phrase de um escriptor francez.

Elle—como Camões, terá a sua hora de justiça.

Setubal, 30 de dezembro de 1898.

Anna de Castro Osorio.

(*Seculo*, de Lisboa, n.º 6:109, de 12-1.º-1899).

GARRETT E O SEÚ CENTENARIO

Camões, levantado do seu tumulo de tres seculos pelo esforço d'um nucleo de publicistas esteados por um conjuncto de forças democraticas então em irrompentes e ingenuos rebates de vida, teve em 1880 a sua verdadeira hora de resurgimento.

De envolta com a apothéose do genio dos *Luziadas*, parecia ir-se abrir uma nova era de bellas e saudaveis luctas, rasgar horisontes mais amplos em que os pulmões d'uma nacionalidade anemica respirassem melhor... Essas floridas esperanças, porém, murcharam cedo. Eram por demais platonicas e candidas para poderem dar fructo.

Mas a propria porção, que a houve, de ensinamento civico, de estimulos de vida, de orientação intellectual, — com que todas as sociedades, sejam quaes forem os seus systhemas de viver, só teem a lucrar — fracassou totalmente.

Não obstante tal fracasso, — e é isto o que ao momento convém frisar — a obra de sagração precisa e de justiça tardia fez-se.

Ossadas, authenticas ou não, tiveram as honrarias solemnes da entrada dos Jeronymos

A intenção é que vale, a intenção salva tudo.

João de Deus, o dôce lyrico do *Campo de Flores*, o facil e abençoado mestre da *Cartilha Maternal*, teve, mais feliz do que o grandioso cantor das nossas épicas grandezas, a sua consagração ainda em vida.

Morto, pouco depois, a celebração reaffirmou-se, calorosa, na ardencia do enthusiasmo da mocidade das escolas generosa e bohemia....

O seu corpo, embalsamado como um inutil grande — senhor, é verdade que se mumifica n'uma capella lôbrega, na má companhia de farrapos bolorentos, o que faz acceitar os desejos d'aquelle que o preferia vêr, ao ingenuo inspirado do nosso *lead*, cá fóra, sepultado em plena natureza, entre as gorgeadas pastoraes dos passarinhos e as thuribulações de canteiros de rosas..

Mas emfim lá está, na intenção apotheotica, feito um dos raros santos do *Flos sanctorum* da arte e do pensamento portuguezes..

Para breve — como não bastando taes manifestações coroadoras — projecta-se uma romaria nova, a relembrar o glorioso morto.

Herculano, embora não levantado nos escudos de uma grande commemoração nacional, teve, mais feliz do que ambos aquelles, a alterosa homenagem de um monumento funebre seu e so seu, monumento lindo em marmore branco n'uma capella propria toda de branco, que respira o quer que seja da pureza e da solemnidade do prosador-poeta das *Lendas e Narrativas*.

E Garrett?!... Onde está elle? Eu proprio não o sei, e para conhecer o seu paradoiro tenho que ir folhear as grossas *Memorias* piedosas de Gomes de Amorim.

Pois o poeta adoravel das *Folhas cahidas*, essa lyrica extraordinaria dos seus cincoenta annos; o dramaturgo unico da nossa terra, que trabalhou essa commovedôra e formidavel angustia, grande como as grandes criações do theatro épico de *Shakspeare*, não merece, como João de Deus, a honra posthuma de *Pantheon?* Pois ao evocador, ao mesmo tempo monumental e gracioso, de tanta pagina historica; ao vate grandiloquo do *Camões*, que só Garrett poderia cantar condignamente; ao ressuscitador do *Romanceiro;* não se ergue um monumento funebre, como a Herculano, um monumento digno do nome de Garrett e da sua obra tãn complexa e sempre sublime?

Que justiça é esta então, que se escancára amavel e premiadôra para uns, e se fecha, vendada e muda, para os outros, pelo menos tão dignos da mesma homenagem nacional?

Em que se entreteem os homens de lettras d'esta terra, afóra os seus mesteres quotidianos obrigados ao consolo final do chá e torradas e da somneca com barrete de algodão?

E a mocidade, a rapaziada enthusiasta que jurou transportar aos seus hombros — andôres tres vezes santos — os talentos que, com Garrett á frente, teem jús á entrada triumphal sob as laçarias de Santa Maria de Belem, o que faz, o que faz ella?!...

Não faz nada. Ninguem parece mexer se.. . E o Porto continúa de braços cruzados, n'uma apathia que é mais do que um crime, o Porto, cidade de trabalho e de pensamento, a terra natal de Almeida Garrett — cuja obra certamente vale um pouco mais do que o coração de D. Pedro 4.º...

Nem monumento que lhe seja jazida triumphal, nem festejos que sejam manifestações publicas de consagração grata e justiceira.

O pouco, o quasi nada que começa agora a despontar, á ultima hora, sem já haver tempo material para nada de geito e de tomo, como que envergonhadamente, a modos de quem esfrega ainda os olhos a disfarçar o compromettimento de quem se vê acordado tão tarde... esse pouco é talvez unicamente devido a um homem, á um poeta, que vive longe, que, de lá, aborrece e ama a saudosa patria em resvalo miserrimo...

Esse homem, que muitos detractores chasqueiam, é util; sabe, ao contrario dos seus chasqueadores, fazer convergir sobre as nossas cousas ainda uns olhares curiosos de estrangeiros...

É Joaquim de Araujo. E vae vêr-se, provavelmente, este caso edificante: a Italia, a França, a Allemanha talvez, a festejar mais o poeta da *D. Branca* e do *Camões* do que a propria cidade do Porto e do que a propria capital do reino portuguez.

Quem escreve estas linhas não veiu mais cedo á rua, a clamar estas e outras verdades, luctuosas de muito tristes, sangrentas de palpitante sinceridade e de justificada revolta, porque não se sentia com — vá a phrase consagrada — a auctoridade bastante para o fazer.

Mas n'este caso ainda, como em outros, os homens para a acção teem que sahir da fileira cerrada das *praças de pret*. Os *chefes* ficam-se commodamente em penates, promptos a adherir ao primeiro instante victorioso, já apromptando as cabeças veneraveis para enfiar as corôas de louros...

Pela minha parte trabalharei, embora já tarde. Trabalho, quando mais não seja, para formação do meu protesto.

Paulino de Oliveira.

(*Districto*, de Setubal, n.º 895, de 8-1.º-1899)

CENTENARIO GARRETT

No dia 4 de fevereiro se completa o primeiro centenario do nascimento do eminente litterato e poeta Visconde de Almeida Garrett.

Gostosamente publicâmos no primeiro logar da nossa folha, o artigo que, a este respeito, nos enviou o sr. Paulino de Oliveira, conhecido litterato da patria de Elmano. É um brado eloquente da justiça com que devêra celebrar-se a manifestação do centenario de Garrett, fazendo repercussão d'este nome na alma popular.

(*Districto*, de Setubal, n.º 895, de 8-1.º-1899)

O CENTENARIO DE GARRETT

No *Districto*, folha que se publica em Setubal, o nosso amigo Paulino de Oliveira escreve um bem pensado artigo ácerca do esquecimento, que é uma ingratidão, em que tem sido deixado Garrett.

Com effeito, a esse renovador da nossa litteratura, tem sido negada até agora a glorificação solemne que outros vultos da arte portugueza tem alcançado, ainda como fructo de uma tardía justiça. A Camões fez-se um centenario, que representou não só uma homenagem ao genio do grande poeta como constituiu um inicio de revivescencia nacional; a João de Deus tributou-se uma apotheose em vida e conduziram-se ao Pantheon dos Jeronymos os seus restos mortaes; Herculano tem o seu monumento no mesmo templo que é uma affirmação em pedra da antiga alma portugueza. A Garrett nada. Nem o seu corpo repousa entre os seus pares no talento, nem a sua figura se alevanta n'um marmore, nem a sua obra é lida pela nossa decadente geração, nem os seus dramas são representados no theatro nacional que elle ressuscitou!

É contra isto que se insurge Paulino de Oliveira n'esse artigo que é um violento protesto e ao qual arrancamos o seguinte trecho:

«Pois o poeta adoravel das *Folhas cahidas*, essa lyrica extraordinaria dos seus cincoenta annos; o dramaturgo unico da nossa terra, que trabalhou essa commovedora e formidavel angustia, grande como as grandes creações do theatro epico de Shakspeare, não merece, como João de Deus, a honra posthuma de *Pantheon*? Pois ao evocador, ao mesmo tempo monumental e gracioso, de tanta pagina historica; ao vate grandiloquo do *Camões*, que só Garrett poderia cantar condignamente; ao ressuscitador do *Romanceiro*; não se ergue um monumento funebre, como a Herculano, um monumento digno do nome de Garrett e da sua obra tão complexa e sempre sublime!

«Que justiça é esta então, que se escancára amavel e premiadôra para uns, e se fecha, vendada e muda, para os outros, pelo menos tão dignos da mesma homenagem nacional?»

(*Lanterna*, de Lisboa, n.º 170, de 10-1.º-1899).

ÁS MULHERES PORTUGUEZAS

1799 = 1899

GARRETT

«Em tudo e sempre — disse elle algures — se póde e deve ter mais fé nas mulheres do que nos homens; em coisas d'arte o seu voto é decisivo».

«... mas poesia ou romance, musica ou drama de que as mulheres não gostem, é porque não presta».

E são as mulheres as que menos o conhecem — porque são, em Portugal, quem menos sabe lêr. Muitas não folhearam mais um livro desde que a tolerancia dos examinadores as deixou passar em instrucção primaria; e o orgulho dos papás se satisfaz com as verem sentadas ao piano a martelar valsas, as ouvir fallar com o desembaraço de quem não perde tempo a pensar o que diz; e depois casadas — melhor ou peor — o que constitue o unico emprego legitimo a que aspira a mulher portugueza.

Outras dispendem a sensibilidade, e quantas vezes a intelligencia, em lêr, commentar e até imitar, os «*grandes romances de sensação e de lagrimas*» que os jornaes rendosamente exploram em folhetins e os editores expõem e reclamam com alarmantes gravuras.

Esses romances de revoltar estomagos, de que se ria com tão despreoccupado espirito o nosso *Garrett*, nas suas admiraveis «*Viagens na minha terra*», constituem ainda, para vergonha nossa, a litteratura preferida do meu sexo em terras lusas.

Mas é preciso luctarmos para que este rudimentarismo de mau gosto tenha fim. A occasião é propria, porque se approxima, a passos largos, o centenario do homem que mais as distinguiu e que escreveu, pensando n'ellas, as suas melhores obras.

O seu talento, d'uma grandeza máscula, de Mestre; a sua mão portentosa de modelador, acostumada a trabalhar épicas figuras da Historia; a sua penna affeita ás violencias das mais debatidas luctas politicas; a sua palavra tantas vezes batida nas rudezas das mais amargas questões; adelgaçava-se, subtilisava-se, até dar essa graça sorrisonha de feminis delicadezas, que é dos seus maiores encantos.

Grande como foi, não desdenhou nunca de tomar como juizes dos seus trabalhos as mulheres — elle mesmo o disse — bem ao contrario de certos apregoados talentos que por ahi se vão julgando em tudo e por tudo tão superiores a ellas, que ouvir a sua opinião seria desdouro, como quem tomasse conselhos com loquaz e tonto papagaio...

Ora a mulher portugueza, quando as mulheres de todos os paizes os mais adiantados ousam ter opinião e bradam por largas reclamações e reivindicações sociaes, não é muito que dê o seu esforço e o seu enthusiasmo collaborando n'uma obra que se destina a erguer e a coroar um grande Artista da sua terra.

É um appello á mulher, isto que vamos escrevendo ao correr da penna. A mulher que elle cantou como poeta e namorado, que elle pôz tão alta como mãe, como esposa, como filha, e até como velha *chronista* de contos e romances populares.

É pois ás mulheres que nos dirigimos, para que pônham a sua emotividade, o seu coração, a sua energia, ao serviço da boa causa de justiça e gratidão que urge fazer-se.

Quando mais não possam alcançar, leiam os seus livros, decorem-nos, comprehendam-nos e guardem-nos como evangelhos, que são, d'arte pura. Só terão a lucrar com isso, que nem os exemplos de honestas e nobres criaturas n'elles faltam: desde a «Anninhas do Arco» tão angelicamente virtuosa até á nobre infanta D. Beatriz abandonando o coração desfeito em mágua ao «Senhor das saudades» e

seguindo o seu triste destino de princeza, como honrada e sabia dama que era; a sympathica e enthusiastica Gertrudinhas; a sombria Esther, a judia charitativa que segue até ao fim a sua justa vingança; a pallida e espiritual Joanninha dos olhos verdes como o mar largo e como as ondeantes searas tenras... a loira e corajosa Georgina de tão suprema elegancia e rara bondade; Magdalena de Vilhena, a mais apaixonada e humana, e a mais *mulher* de todas ellas; a intellectual e querida Maria, tanto do nosso tempo, tão verdadeira na doentia susceptibilidade dos nervos e da alma por demais agitada com duvidas e presentimentos fóra da sua edade e do seu tempo — como não podia deixar de ser, psychologicamente, a filha d'aquelle Fr. Luiz de Souza e de tão grande amôr.

Lucida figura doentia que amâmos e seguimos com lagrimas no seu curto mas dolorosissimo calvario, nascida para soffrer sob a pressão de desditas e agonias que afundavam em lama, sangue e soluços a desditosa patria, de que ella se póde dizer a imagem — soffrendo sem culpa a culpa dos outros, vivendo artificialmente, sabendo-se condemnada, presentindo a desgraça e não a podendo evitar, morrendo de vergonha sendo innocente...

Pobre e querida Maria, irmã gemea das immortaes heroinas de Shakspeare e Hugo, tu és, como Hamlet, a prova da superioridade do genio que previu nossas angustias e duvidas, todo este desvairamento e communicação com o desconhecido, que leva para o novo seculo, n'um rodopio macábro, as nossas almas atormentadas...

Depois ainda a Alda do «Alfageme», que tão nobre e senhora se tinha feito na convivencia fraternal do santo condestavel; e D. Filippa de Vilhena: a heroicidade antiga personificada n'uma fragil mulher; e D. Branca, e tantas, tantas... mesmo as inferiores, nos seus papeis secundarios, são mulheres, e feitas com amoroso escrupulo.

Aqui, já não ha senão appellar para as mulheres, para a sua alma e para o seu espirito, para o seu reconhecimento mesmo.

Que ellas o leiam, e elle triumphará, mesmo morto, uma vez mais, da hostilidade com que a maioria dos homens o tratou sempre.

Setubal, 30-12-98.

Anna de Castro Osorio.

(*Nove de Julho*, de Beja, n.º 774, de 14-1.º-1899 e *Correio da Noite*, de Lisboa, n.º 5869, de 25-1.º-1899).

ALMEIDA GARRETT

O sr. Paulino d'Oliveira, litterato conhecido entre nós, movido do nobre impulso de festejar e de vêr festejada uma celebridade da litteratura portugueza, veiu ás columnas da nossa humilde folha, em escripto mimoso, como flôr que desabrocha, pôr em evidencia as petalas odoriferas da bella obra de Almeida Garrett, mostrando o dever

de a olharmos com fixidez no momento em que a orbita geradora do tempo marca o primeiro centenario do seu nascimento.

Não nos prende o poeta, não nos prende o dramaturgo, não nos prende o parlamentar, nem o purista, senão que prende o amplexo de todas estas notaveis qualidades que formam o caracter da belleza de toda a sua obra. Por isso, apezar dos devaneios litterarios não estarem na indole d'este jornal, sem lhes ser totalmente alheio, acceitámos ao nosso amigo um escripto que, além de litterario, inculca o patriotismo que nos apraz de considerar e acolher com esmero.

Publicamos hoje mais uma carta, e acceitamos o alvitre de dedicarmos a primeira pagina do numero de 5 de fevereiro á recordação de Garrett, em que porêmos a data de 4, do seu anniversario.

Meu amigo:—Muito reconhecido lhe estou pela alta fineza de inserir no logar de honra do seu apreciado *Districto* o artigo que lhe enviei. O assumpto, que não o auctor, merecia esse destaque.

Não sei se entre os rarissimos que n'esta nossa cidade bonacheirona se interessam por cousas intellectuaes, foi notado com estranheza que eu, nos meus fervorosos votos para que alguma cousa se faça em preito ao visconde de Almeida Garrett na passagem do seu primeiro centenario, não tivesse abrangido a patria de Bocage, do qual aquella figura primacial disse: *...aquelle pasmoso talento nunca reflectiu no que era e podia, nem na alta missão a que o chamavam, tanto o seu genio como a sua popularidade.*»

O meu maior desejo, como portuguez e como setubalense, seria que esta terra se resolvesse e soubesse elevar-se em manifestações que lustram e honram mais os devotos que as promovem do que propriamente os *oragos*,—que esses já teem a sua fama feita, e, mais cedo ou mais tarde, sempre conseguem vingar na justiça das sociedades. Na justiça da Historia, n'essa nem se falla.

Eu estaria prompto a dar o meu humilimo concurso, valedôr sómente pela sinceridade e pelo enthusiasmo que em todas as minhas cousas pônho.

Um pequeno festival litterario, por exemplo, alli, no nosso pequeno e bonito theatro—que eu sempre teimarei em denominar *Todi*...

Mas... para que entreter illusões? Eu sei por demais—bem maguado o digo—que o espirito d'aquelles que, parece, mais tinham o dever de curar d'essas bagatellas para tanto não tem ensanchas.

Por isso é que eu não envolvi, especialmente, os meus conterraneos na multidão que eu quiz e quero conclamar para uma obra de justiça—empreza em que minha mulher e eu andamos empenhados. Por isso, aqui me fico.

Não porém ainda sem dizer que o meu caro amigo podia talvez destinar a primeira pagina do numero, da sua folha, mais proximo do dia do centenario, a uma singela commemoração do gloriosissimo morto.

Se poder, e assim entender, fico ás ordens. Conte comnosco.

Creia-me de V.

Am.º certo e obg.º
Paulino de Oliveira

P. S.—Como fallei em theatro, occorre-me: se a direcção do theatro mandasse emendar ali o nome de Garrett! ? .. Que ao menos se possa affirmar que sabemos escrever o seu nome. E sempre será uma manifestaçãosinha.

A *Lanterna* de terça feira faz honrosa menção do artigo de domingo pretérito, inserto no *Districto*.

Sobre o mesmo assumpto publicou *O Seculo*, de quinta feira, na primeira pagina, um primoroso artigo da illustre escriptora a ex.ma sr.a D. Anna de Castro Osorio, esposa do sr. Paulino d'Oliveira.

São dois elementos valiosos que agitam a opinião.

(*Districto*, de Setubal, n.º 896, de 15-1.º-1899).

PQ 9261 A575Z57
Castro Osorio, Anna de
A Garrett no seu primei
centenario

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 11 20 10 025 1